

A FENOMENOLOGIA EM GEORGIA O'KEEFFE

Sandra Dolores Becker ¹

Resumo: O objetivo deste ensaio é demonstrar as etapas da Fenomenologia em atividade, possibilitando enxergar o funcionamento no ser humano, conseqüentemente, em nós mesmos. Foi escolhida para pesquisa, a artista Georgia O'Keeffe, por estabelecer uma relação com o conceito fenomenológico, pela sua interpretação por meio da pintura da natureza. Para demonstrar essa teoria, foram estudados os filósofos Edmund Husserl, Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty, focando sobre os conceitos da percepção e da consciência na criação da arte e nas obras da referida artista, estas unicamente relacionadas com a natureza. Portanto, por meio deste trabalho e análise das obras de Georgia O'Keeffe, a Fenomenologia será trazida à tona, visando à renovação de novas investigações da Fenomenologia interativa, ou seja, está em interação constante na vida humana.

Palavras-chave: Fenomenologia. Etapas da fenomenologia. Georgia O'Keeffe.

***Abstract:** This paper aims to demonstrate the different stages of Phenomenology-in-action, allowing us to observe its working effect in the human being, and as a result, in ourselves. The painter Georgia O'Keeffe was chosen for this paper because she established a relationship between the phenomenological concept and the interpretation of nature through her painting. To further prove this theory, the philosophers Edmund Husserl, Martin Heidegger, and Maurice Merleau-Ponty were studied; focus being given to the concepts of perception and consciousness in art creation and the works solely related to nature by Georgia O'Keeffe. Therefore, through this paper and analysis of the painter's works, Phenomenology has been highlighted; foreseeing a renewal of interest in research concerning Phenomenology and its interaction in human life.*

***Key words:** Phenomenology. Phenomenology' stages. Georgia O'Keeffe.*

1. A FENOMENOLOGIA

Cientificamente, nossos sentidos lideravam a maneira de enxergarmos a vida até aparecer a Fenomenologia. A partir de então, novas ideias foram sendo construídas sobre a percepção, a consciência, a maneira em geral de percebermos o mundo.

¹ Esse artigo foi apresentado como atividade de avaliação em Unidade de Aprendizagem no curso de Filosofia da Unisul na modalidade a distância. A autora desse artigo formou-se no segundo semestre de 2010 no referido curso. Endereço de e-mail da autora: sdoloresbecker@yahoo.com

E o que é a Fenomenologia? Como passar dos anos fomos contemplados com variadas definições e teorias que, na maioria das vezes, iniciavam com a abordagem de sua etimologia, o que também faremos aqui.

O termo Fenomenologia provém das palavras gregas *phainomenon* (aquilo que se apresenta) e *logos* (estudo), portanto, é o estudo do Fenômeno: estuda a estrutura de vários tipos de experiências desde a percepção, o pensamento, a memória, a imaginação, a emoção, o desejo, consciência, ação e atividade. Por meio disso, encontramos o significado, o conteúdo de cada experiência.

Ainda que muitos filósofos, entre eles Edmund Husserl², Martin Heidegger³ e Maurice Merleau-Ponty⁴⁴ (abordados neste trabalho), tenham interpretado e investigado os caminhos da Fenomenologia, existe na literatura uma escassez de trabalhos que demonstrem o processo interativo da Fenomenologia durante atividades praticadas, pelas das sensações/funções corriqueiras ou profissionais, utilizando os sentidos, entre outras maneiras de percepção. O caso estudado para este trabalho é da atividade praticada na pintura de Georgia O'Keeffe⁵⁵.

A Fenomenologia foi, inicialmente, um movimento que questionou o modo científico de fundamentar suas teorias na psicologia do pensamento, isto é, o conhecimento provinha de fatos e operações psíquicas, não levando em conta a lógica do pensamento. Assim, ocorre uma divisão entre cientistas e lógicos; sementes do pensamento de Franz Brentano⁶, filósofo cujo aluno foi Edmund Husserl, que defendeu esta ideia e fez a fenomenologia surgir como um *método*⁷ da nossa compreensão do mundo.

² Edmund Husserl (1859-1938), filósofo, influenciado pelo professor Franz Brentano, estudou e elaborou uma nova filosofia, a da Fenomenologia. (HUISMAN, 2001).

³ Martin Heidegger (1889-1976), um dos filósofos mais célebres do século XX. Sua obra é marcada por sua insistência em apelar para uma radicalização do pensamento metafísico. Disponível em: <<http://www.mundodosfilosofos.com.br/martin-heidegger-o-humanismo.htm>>.

⁴ Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), filósofo francês seguidor da fenomenologia de Husserl. Disponível em: <www.filoinfo.bem-vindo.net>.

⁵ Georgia Totto O'Keeffe (1887-1986), pintora americana.

⁶ Franz Clemens Honoratus Brentano (1838-1917), filósofo e psicólogo alemão; reagiu vigorosamente contra a análise dos “conteúdos da consciência” (JAPIASSÚ, 2006, p. 34).

⁷ Husserl diz que para compreendermos esses fenômenos, devemos fazer um caminho. A palavra grega para designar caminho é *método*. (BELLO, 2006).

1.1 O CONCEITO DE EDMUND HUSSERL

Por maiores que sejam as diferenças entre as concepções atuais do termo Fenomenologia, seu fundamento está no pensamento de Edmund Husserl. Esse filósofo agregou às teorias e pensamentos preexistentes e deu seguimento ao conceito de que tudo o que existe está na relação entre os objetos e a consciência. Propôs ainda voltar às intuições, porque delas surge nosso conhecimento: retornar ao mundo interior onde guardamos os objetos em sua forma pura. A teoria de Husserl propõe que nada se modifique na consciência, por isso, somente lá encontraremos aquilo que dá sentido às coisas. Por coisas, queremos dizer dados, informações, o que percebemos diante da nossa consciência é chamado de Fenômeno. Basicamente, o processo em Husserl seria buscar o conhecimento de alguma coisa em nosso consciente, interpretá-la para que então haja algum sentido. “Voltando as coisas mesmas para depois direcionar ao objeto uma definição”. (Dartigues, 1973, p. 18).

Mas, se devemos retornar ao nosso interior para buscar a intenção pura dentro do nosso consciente, deveríamos ter uma ideia de onde ela se encontra e o que entendemos ser a consciência. Segundo a Wikipédia, Consciência é “uma qualidade da mente”. Ou seja, não é físico, nem é um lugar, e sim um conceito subjetivo relacionado às percepções de cada indivíduo. Para Husserl, sem qualquer contato ou experiência, não podemos ter consciência de tal coisa ou acontecimento, sendo que não teremos essa informação previamente guardada na consciência. Boa explicação nas palavras de Manfred Frank: “Não há como alguém estar consciente de alguma coisa sem estar consciente de estar consciente dessa coisa.” (FRANK, 2002).

Segundo o processo teórico de Husserl, a fenomenologia lida com as ideias das coisas em sua essência. Essa relação se dá como objeto-sujeito, o que ele entende como objeto intencional na consciência. Essa *intencionalidade* foi inicialmente definida por Brentano, o qual acreditava que fenômenos físicos não têm intencionalidade e que, diferentemente, Husserl propôs como uma maneira de distinguir de maneira empírica, os fenômenos psíquicos dos físicos.

A Fenomenologia de Edmund Husserl trouxe luz em direção ao puro conhecimento das ideias; objetivou encontrar uma solução para o caos das teorias que

levavam em conta a subjetividade. Sua teoria foi honesta, pois defendia descrever exatamente o que era percebido sem detalhes a mais, sem opiniões não significativas. Em suas próprias palavras: “por meio da fenomenologia, deve-se ter a coragem de aceitar o que realmente se dá a ver no fenômeno, precisamente com ele se apresenta a si próprio em vez de interpretá-lo, e de honestamente descrevê-lo” (HUSSERL, 1982, p. 257).

1.2 O CONCEITO DE MARTIN HEIDEGGER

Para melhor entendimento do conceito fenomenológico de Martin Heidegger, convém explorar mais algumas informações de Edmund Husserl, tocar em alguns dados da história acadêmica de Heidegger e fornecer uma sucinta definição do Existencialismo.

Quando Husserl exercia a função de professor na cidade de Göttingen, suas ideias atraíram alunos que formavam grupos chamando atenção ao movimento fenomenológico crescente. Martin Heidegger também estudou sob sua orientação, período em que começou a tecer novas ideias a respeito das teorias iniciadas e ensinadas sobre a Fenomenologia.

As ideias de Heidegger têm sustento na Crise da Razão Ocidental (final do século XIX e século XX). Naquela época, havia três fortes correntes de pensamento: a) o homem da sociedade (homem social), b) o homem da ciência e c) o homem religioso. Heidegger trouxe o Existencialismo, uma corrente filosófica que analisa o homem em sua relação com o mundo. O que havia na época eram os cientistas, por um lado proclamando que eram os únicos a interpretar a verdade do homem, as igrejas, por outro lado, tentando segurar o poder já a caminho da decadência, e no meio, o homem social, que estava perdendo sua existência. Os novos pensamentos existencialistas de Heidegger criticaram a metafísica, as verdades, e trouxeram à luz, a existência...o Ser!

Martin Heidegger, no convívio com Husserl, moldou esses pensamentos sob uma nova perspectiva focada no “Da sein”⁸, termo utilizado por Heidegger em sua obra *Ser e*

⁸ Da Sein - O Ser-aí ou Ser-aí-no-mundo é a tradução portuguesa do termo alemão Dasein, muito usado no contexto filosófico como sinônimo para existência. Dasein é o termo principal na filosofia existencialista de Martin Heidegger. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Dasein>>.

*Tempo*⁹ que proporciona conhecer a Filosofia Heideggeriana sobre o Ser – conceito de trazer à tona o que se encontra oculto naquilo que se mostra. Mas, o que é este *Ser*? O que é o *Ente*?¹⁰ E como se entende o *Da sein*?

O Ser somos nós, o humano. É o único vivente que usa o verbo ser, sempre colocando o ‘é’ para identificar algo. Quando dizemos: falamos Deus ‘é’, a xícara ‘é’, aquele carro ‘é’. Essas coisas ‘são’, mas não ‘estão’ como nós estamos; levam o significado, neste caso, de coisa, a base material. O homem não é um objeto, ele é o estar/ser aí (*Da sein*, na língua alemã). O “Ser” de Heidegger é o que permite que essa coisa seja, exista e esta ‘coisa’ é o Ente. Assim, o Ser se manifesta no Ente.

Por meio desses pensamentos, Heidegger teceu suas reflexões para uma nova compreensão da Fenomenologia, essa que, no íterim da história entre ele e a teoria fenomenológica de Husserl, toma seu lugar junto ao pensamento existencialista.

Heidegger desenvolve a questão levantada do Ser, mostrando que o problema é do próprio homem, pois interroga sua existência, pensamento contrário de Descartes¹¹, esse alegava que, ao pensar, existe.

O conceito fenomenológico de Martin Heidegger é único: a filosofia da existência cujo ponto fundamental é o esquecimento do Ser, ideia estampada em suas obras, seus pensamentos, sejam na área filosófica ou nos dos fundamentos da arte.

⁹ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 13a edição. 1976. *Ser e Tempo* - (em alemão: *Sein und Zeit*) foi o maior e mais influente trabalho do filósofo alemão. Seu principal propósito é a elaboração concreta sobre a questão do sentido do ser. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ser_e_Tempo>.

¹⁰ Ente - O infinitivo grego *einai* foi traduzido para o latim como *esse*, cujo equivalente na língua portuguesa é o verbo *ser*. A distinção entre *Ser* e *Ente*, contudo, para a maioria dos filósofos, sempre foi de extrema dificuldade, sobretudo quando se situa o problema para além da análise linguística. Inúmeros filósofos atuais insistem na necessidade da distinção entre “*Ser*” e “*Ente*”, entre eles Heidegger, que mais recentemente destacou as diferenças entre a problemática do ente (ôntico) e a problemática do ser (ontológica), justificando ainda que a ontologia clássica não é aplicável ao ser (“*Sein und Zeit*”, § 1), uma vez que o ser (“*Sein*”) é prévio aos entes (“*Seienden*”). Assim, apenas a análise existencial do ente, que pergunta pelo *Ser* (o *Dasein*) pode realmente compreender em seu âmago o sentido do ser. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ente>.

¹¹ René Descartes (1596-1650), filósofo, teve como objetivo encontrar um fundamento para o saber e para a realidade.

1.3 O CONCEITO DE MAURICE MERLEAU-PONTY

Filósofo francês, influenciado por Edmund Husserl e Martin Heidegger, presenteou a Filosofia com seu trabalho sobre a Percepção e como essa oferece ao ser humano uma compreensão do mundo, teoria retratada em sua obra *Fenomenologia da Percepção*¹².

Merleau-Ponty diz que a Fenomenologia “é o estudo das essências”, é “uma Filosofia para a qual não se pode compreender o homem e o mundo senão a partir de sua Facticidade”. Para ele, percebemos o mundo em primeiro lugar e somente após essa percepção o observamos filosoficamente. Percebemos o mundo pelos nossos corpos, que são envolvidos na existência. Podemos imaginar esta ideia seguindo os passos de seu pensamento: quando o ser humano percebe algo, ele o percebe em sua totalidade. Ao percebermos uma vela, é exatamente o que estamos enxergando, uma vela em sua totalidade: longa, grossa ou não, pavio e cera além de outros elementos, tais como o ambiente em que está ou as cores ao seu redor. Quando essa vela é percebida, ela se apresenta à consciência do ser humano. Somente após entrar em nossa consciência passa a ser um Fenômeno.

Mas o que é a Consciência? Para onde chegam nossas percepções para tornarem-se Fenômenos? Segundo a Wikipédia, a Consciência pode ser enquadrada em uma “qualidade da mente. É onde se encontra a subjetividade, a autoconsciência, a sapiência, e a capacidade de perceber a relação entre si e um ambiente”. Para o filósofo Merleau-Ponty, o ambiente é o mundo. E é desse mundo que a Fenomenologia desse filósofo se baseia: o mundo que sempre existiu e é nossa fonte de análise e reflexão. E dele recebemos nossas percepções. (TADEU, 2004, p. 1) Percepções que ao chegar ao nosso consciente tornam-se fenômenos, levando o conhecimento ao ser humano.

Para Maurice Merleau-Ponty, a Fenomenologia está fundamentada no estudo das essências, que são dependentes de qualquer experiência. Elas se realizam pelo contato direto com o vívido, pelo ato da percepção. Dessa forma, a percepção provém não somente da observação, mas pode resultar da nossa interpretação, das nossas sensações, ou experiências, e ainda, podem ser estruturadas por associações, entre outras. Daí captar a percepção viva no

¹² MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. (C. Moura, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Originalmente publicado em francês, 1945).

ato de realização. Para isso, temos de nos livrar de todos os preconceitos, ou seja. Devemos descrever a percepção, não explicá-la! Exatamente o que encontramos na arte e nas obras de Georgia O'Keeffe.

2. GEORGIA O'KEEFFE

A artista Georgia O'Keeffe, tendo vivido o auge artístico durante sua maturidade, está entre as maiores artistas do mundo. Sua arte é considerada moderna e foi por essa modernidade, encontrada nos traços e nas pinceladas largas, presentes em suas obras, que podemos conhecer melhor a vida dessa grande artista. Silenciosamente, fenomenologicamente, essa pintora norte-americana expôs a sua percepção, sua consciência em suas telas grandes ou pequenas.

Podemos enquadrar sua história de vida nas cidades onde viveu. Aparentemente, cada cidade teve uma importância na sua formação como pintora. Segue uma pincelada da vida dessa grande artista.

Georgia O'Keeffe nasceu no estado de Wisconsin, no oeste Estadunidense, cresceu em uma fazenda onde teve seu primeiro contato com as artes. Já na metade do curso de magistério, sua família muda-se para o estado de Virginia onde ela completou seus estudos. Logo após, se inscreveu na *School of the Art Institute of Chicago*, paralelamente, assistindo às aulas na *Arts Students League*, em Nova Iorque.

A artista recebeu um convite para lecionar no Texas e o aceitou. De lá enviava seus desenhos abstratos a uma amiga em Nova Iorque, que os repassava ao famoso fotógrafo americano Alfred Stieglitz. Ele logo se interessou pelos desenhos e passou a exibi-los em sua galeria de arte. Mais tarde vieram a se casar.

Vivendo em Nova Iorque, posando para a câmera do famoso fotógrafo, agora seu marido, Georgia O'Keeffe inicia com a produção das grandes flores e paisagens vistas de seu apartamento, no trigésimo andar: pinturas grandes, linhas enormes de formas naturais, como se estivesse enxergando por uma lupa.

Alguns anos depois viajou para o Novo México, o que modificaria sua vida para sempre. Cativada pela paisagem vazia, rústica, seca, onde ela retornou anualmente até o

falecimento de seu marido, momento em que decidiu permanecer definitivamente nas terras áridas desse estado americano.

Basicamente sua vida inicia após a mudança para o estado do Novo México. Sua arte e a fenomenologia tornam-se uma só. É na produção de suas obras, neste local árido, sem flores, onde a artista encontra crânios de vacas pelo chão, deitava-se embaixo do carro para fugir do sol, pois as únicas árvores existentes naquele local, em que achava inspiração, proporcionavam sombra aos nativos americanos (que, na época, ainda não tinham uma relação tão estreita com o homem branco), onde ocorre o encontro entre Georgia O'Keeffe e a Fenomenologia.

2.1 Obras

Para melhor entrosamento com a percepção de Georgia O'Keeffe, há uma relação de obras específicas analisadas neste trabalho. Embora suas obras incluam inúmeras produções de temas diversos, foram escolhidas apenas quatro, as quais foram analisadas fenomenologicamente pela autora. Essas são: *Blue-Green Music* (1921), *Red Canna* (1924), *White Trumpet Flower* (1932) e a *Yellow Cactus* (1929).

	<p>Blue-Green Music, 1921 - Ondas da música nas curvas das pinceladas em tons de azul, verde claro, verde escuro: nuances. Talvez a música azul-esverdeada do vento que sopra e balança as folhas verdes, ou ainda, as ondas coloridas do próprio vento no ar. (Fonte: da autora)</p>
	<p>Red Canna, 1924 - O calor do deserto de Arizona; fogo ardente subindo do chão, terra árida do noroeste dos Estados Unidos da América do Norte. Folhas lindamente pintadas em tela nas cores fortes baseadas no vermelho. A delicadeza de introduzir o lilás e o amarelo queimado para suavizar o calor que penetra entre as pétalas da <i>Red Canna</i> de Georgia O'Keeffe. (Fonte: da autora)</p>

	<p>White Trumpet Flower, 1932 - “O que eu vi e você desconsiderou” – frase nunca dita pela artista mas, que penso quando vejo tão linda magnitude de branco e o assombreamento uma vez usado no período Renascentista – leve, simples. Uma flor pintada contra as suas folhas, companheiras de vida. Um esplendor em branco, macio, mas com voz forte como o da Georgia O’Keeffe. Artista que com calma e suavidade pintou seu grito ao mundo; silenciosamente, porém, forte como uma trombeta, igual a <i>White Trumpet Flower</i>. (Fonte: da autora)</p>
	<p>Yellow Cactus, 1929 - Em espanhol chama-se <i>amarillo</i>; em alemão, <i>gelb</i>, e para os olhos, a cor é semelhante ao sol. Cor que na obra <i>Yellow Cactus</i> dança contra o fundo azul pastel. Linhas esverdeadas formando os contornos das pétalas que, com as mãos dadas parecem balançar abaixo de um sol de primavera. (Fonte: da autora)</p>
<p>Fontes Imagens:</p>	<p><u>Blue-Green</u> http://www.artic.edu/aic/collections/citi/images/standard/WebLarge/WebImg_000080/4162_672427.jpg <u>Red Canna</u> - www.fulcrumgallery.com/a26169/Georgia-OKeeffe.htm White Trumpet Flower - http://www.artst.org/albums/okeeffe/1932%20-%20White%20Trumpet%20Flower.jpg <u>Yellow Cactus</u> - http://dmafamillyblog.wordpress.com/2010/04/05/sor-juana-family-celebration-a-celebration-of-women-in-the-arts/</p>

3. A FENOMENOLOGIA EM GEORGIA O’KEEFFE

A artista Georgia O’Keeffe faz as palavras de Rovighi (1999) terem vida. Ele descreve fenômenos da seguinte maneira: “[...] o método que todos os filósofos adotam ou tentam adotar quando se perguntam quais são os dados indubitáveis com base nos quais é possível justificar certa concepção da realidade; quais são as coisas manifestas, tão claramente manifestas que não podem ser negadas”. Esse processo está presente na fenomenologia em Georgia O’Keeffe. Sua arte demonstra “as coisas manifestas, tão claramente manifestas que não podem ser negadas”. Aí está a Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty, que será demonstrada no Item 4.

Por ora, serão apresentadas algumas teorias e pensamentos que demonstram a fenomenologia na artista.

Georgia O’Keeffe está para a fenomenologia assim como a fenomenologia está em Georgia O’Keeffe. Essa artista apresenta a fenomenologia em seu pensamento por meio de sua emoção, pelos seus desejos. Seu modo de conhecer a realidade leva em conta a estrutura intencional da consciência que o homem tem dos fenômenos.

Segundo a Fenomenologia, existem coisas reais (a coisa em si), mas não podemos conhecê-las dessa forma, pois só conhecemos como elas nos aparecem (Fenômeno). *Phainomenon* do grego significa aparência e é desta aparência que o fenômeno divulga nossos conhecimentos.

Mas em que aspecto podemos mostrar esse pensamento na pessoa de Georgia O'Keeffe? Vejamos: em todos os momentos que a artista leva seu pincel à tela, ela limpa sua mente, pelo menos naquele momento, de todas as associações que as aparências do objeto oferece; ela o considera unicamente como um fenômeno (o que está diante dela; a aparência do objeto) e é dessa forma que o coloca na tela.

A artista visualiza uma paisagem, percebe uma flor, e nessa causalidade instantânea pincela as cores para formar sua percepção.

No conceito de Heidegger, ela vê o Ente (a flor como objeto) e a reverência na tela que acaba sendo manifestada pelo Ser (a artista).

De acordo com Husserl, O'Keeffe utiliza sua experiência fora do tempo e do espaço para produzir verdades (a pintura na tela) não empíricas, que são válidas e livres de pressupostos, o que a leva ao encontro da consciência pura.

Ao contrário da *dúvida cartesiana*¹³, a fenomenologia pratica a *epoché*¹⁴; coloca certas informações do objeto entre parênteses e não as considera. Observamos essa teoria em Georgia O'Keeffe, quando ela apresenta a flor percebida como ela é, vista pela artista e desconsidera qualquer elemento do objeto conhecido *a priori*, e o coloca em parênteses.

4. O CONCEITO DE MERLEAU-PONTY NA ARTE DE GEORGIA O'KEEFFE

[...] Quando contemplo um objeto com a única preocupação de vê-lo existir e descobrir diante de mim as suas riquezas, então, ele deixa de ser uma alusão a um tipo geral, e eu me apercebo de que cada percepção, e não apenas aquela dos espetáculos que descubro pela primeira vez, recomeça por sua própria conta o nascimento da inteligência e tem algo de uma invenção genial: para que eu reconheça a árvore como árvore, é preciso que,

¹³ Dúvida cartesiana – principal dúvida no método de René Descartes; afirma que dará crédito apenas às coisas que não oferecem a menor possibilidade de dúvida. Disponível em: <<http://pensamentoextemporaneo.wordpress.com/2009/04/07/a-duvida-cartesiana-como-possibilidade-para-o-filosofar/>>.

¹⁴ Epoché – suspensão do juízo, também conhecida pelo termo grego epoché ou epokhé, que significa época, é a atitude de não aceitar nem negar uma determinada proposição ou juízo. (ABBAGNANO, 1990, p. 339)

abaixo desta significação adquirida, o arranjo momentâneo do espetáculo sensível recomeça, como no primeiro dia do mundo vegetal, a desenhar a idéia individual desta árvore. Fenomenologia da Percepção (MERLEAU-PONTY, 1994).

Ao visitar um museu, estamos diante de obras de arte.

A arte existe desde o início da existência do homem na Terra e tem sido considerada como um espelho do nosso mundo. Possui várias funções, por exemplo: é utilizada para decorar, para explicar, ou apenas para ser vista, apreciada. O Artista é o Ser que cria a arte; essa criação pode ser objeto da sua imaginação, partir de algum sentimento, ou ser a interpretação da percepção. Nesse contexto, podemos refletir sobre o conceito fenomenológico de Merleau-Ponty, relacionando-o com as obras da artista Georgia O'Keeffe.

Em *Fenomenologia da Percepção*, fica clara a intenção do filósofo, que é a compreensão do homem e o mundo sem princípios dogmáticos, tendo como fundamento a subjetividade: o mundo sendo a origem dos pensamentos e percepções, o ser humano apenas o percebe e o descreve.

Segundo Merleau-Ponty, “O mundo é o que está diante de nós, devemos aprender a vê-lo”. É justamente isso que Georgia faz, utilizando-se de todas as formas de criação, em particular, da Fenomenologia da Percepção.

Ela percebe uma paisagem, uma árvore ou uma flor em sua totalidade. Essa percepção vai até o seu consciente e lá, em Fenômeno, ela a conhece e essa passa a ser a sua verdade por meio da tinta a óleo na tela de lona.

Esse é um processo ativo do organismo, seja em atividade no trabalho, ao caminhar pelas ruas da cidade ou, nesse caso, ao realizar uma obra de arte. O próprio procedimento de percepção determina o fenômeno, pois envolve o examinar de um conjunto de coisas no qual o fenômeno se manifesta – os arredores, a distância, o plano de fundo etc. (Item 1.3).

Quando percebemos algo dentro de um contexto, analisamos uma área onde nenhum elemento é isolado, todos os objetos presentes no campo de visão do observador estão envolvidos, relacionados entre si. Da mesma forma, na arte de Georgia O'Keeffe, a flor cobre a tela, que pode ter sido vista pela artista em meio a inúmeros objetos, de várias cores, à noite ou de dia. Conseqüentemente, ela percebeu a flor e a re-criou em sua consciência, nascendo o Fenômeno da Percepção.

As obras mencionadas seguem o procedimento fenomenológico da percepção e tocam na ideia da camada de sentidos descrita em *O Olho e o Espírito*, de Merleau-Ponty¹⁵. Ou seja, a experiência adquirida e registrada no consciente. A arte explorada neste trabalho mostra que: “Ao retirar esta camada de ingenuidade pode-se chegar à realidade, o que existe prévio no mundo, justamente do que a arte se nutre” (TALON-HUGON, 2009).

Georgia O’Keeffe leva essa ideia à sua arte: sem despir-se da “camada de sentido bruto”, utiliza da ingenuidade (sem manipulação do percebido) para compor suas obras. A artista vê entre o olhar estético e o olhar fenomenológico. Ela encontra a essência de Merleau-Ponty (Item 1.3) e pinta o fenômeno, derrubando a cor amarela e pintando linhas suaves da flor do cactus (obra: *Yellow Cactus*, 1929). Talvez ela perceba linhas esverdeadas formando os contornos das pétalas que, com as mãos dadas parecem balançar abaixo de um sol de primavera. Ou, ainda, pinta a essência da flor em todas as suas cores e movimento. O mesmo acontece com a *Flor do Deserto* do estado de Arizona, quando ela leva sua percepção da flor e a adiciona à brancura da tela. Ela usa a cor vermelha e pinta as pétalas nas formas de labaredas de fogo, cor do calor, do queimar do sol daquela região. Ela pinta a *Red Canna* (1924), expressando, mais uma vez, a essência da flor.

E assim, as telas *White Trumpet Flower* (1932) e *Blue Green Music* (1921) também seguem o conceito do filósofo.

No pensamento de Merleau-Ponty, o mundo é o que vemos. Georgia vê o mundo de flores grandes e coloridas, pertencendo ao passado, presente e futuro. Inspirada, (estado da consciência no qual se vê a percepção), essa artista leva a fenomenologia de Merleau-Ponty às telas brancas de lona.

“...[...] O inexplicável na natureza que me faz sentir que o mundo está distante de minha compreensão – para compreender, talvez seja tentando colocá-lo em formas”.

-Georgia O’Keeffe-

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto central da Fenomenologia é a distinção entre verdade e aparência. Ela se ocupa de fenômenos, os vividos pela consciência. Para refletir sobre esse ponto, foram

¹⁵ MERLEAU-PONTY, M. *O Olho e o Espírito*. 2. ed. Lisboa: Veja, 1997.

estudados os conceitos de três grandes filósofos, Edmund Husserl, considerado o pai da Fenomenologia, Martin Heidegger, que trouxe uma nova corrente para o pensamento da humanidade, e Maurice Merleau-Ponty, que levou a Fenomenologia às áreas das artes com foco na percepção.

Por outro lado, em destaque, e para afirmar o conceito fenomenológico de Merleau-Ponty na interatividade humana, foram analisadas algumas obras de Georgia O'Keeffe, quando ela compartilha seu espaço íntimo com o qual ela se relaciona com o mundo externo; sua subjetividade.

Embora os conceitos desses filósofos foram abordados com brevidade neste trabalho, fica evidente a Fenomenologia em Georgia O'Keeffe. Sua arte é uma manifestação de sua percepção, sua inspiração de como ela vê o mundo. A camada fina entre a estética e a fenomenologia estampada em suas obras – fenômenos gravados em tela.

A partir dos esclarecimentos apresentados sobre a noção da Fenomenologia, podemos compreender a importância da sua interação na vida humana, mostrando que a pesquisa nesta área abre a possibilidade de novos conceitos para futuras pesquisas.

LISTA DAS NOTAS

1.Becker, Sandra Dolores - Acadêmica do Curso de Filosofia na Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC. e-mail: sdoloresbecker@yahoo.com

2.Da Sein - O *Ser-ai* ou *Ser-ai-no-mundo* é a tradução portuguesa do termo alemão *Dasein*, muito usado no contexto filosófico como sinônimo para existência. *Dasein* é o termo principal na filosofia existencialista de Martin Heidegger. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Dasein>>.

3.Dúvida Cartesiana – principal dúvida no método de René Descartes; afirma que dará crédito apenas às coisas que não oferecem a menor possibilidade de dúvida. Disponível em: <<http://pensamentoextemporaneo.wordpress.com/2009/04/07/a-duvida-cartesiana-como-possibilidade-para-o-filosofar/>>.

4.Edmund Husserl (1859-1938), filósofo influenciado pelo professor Franz Brentano, estudou e elaborou uma nova filosofia, a da Fenomenologia. (HUISMAN, 2001).

5. Ente - O infinitivo grego *einai* foi traduzido para o latim como *esse*, cujo equivalente na língua portuguesa é o verbo *ser*. A distinção entre *Ser* e *Ente*, contudo, para a maioria dos

filósofos sempre foi de extrema dificuldade, sobretudo, quando se situa o problema para além da análise linguística. Inúmeros filósofos atuais insistem na necessidade da distinção entre "Ser" e "Ente", dentre eles Heidegger, que mais recentemente destacou as diferenças entre a problemática do ente (ôntico) e a problemática do ser (ontológica), justificando ainda que a ontologia clássica não é aplicável ao ser ("*Sein und Zeit*", § 1), uma vez que o ser ("*Sein*") é prévio aos entes ("*Seienden*"). Assim, apenas a análise existencial do ente, que pergunta pelo Ser (o *Dasein*) pode realmente compreender em seu âmago o sentido do ser. Disponível em : <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ente>>

6. Epoché – suspensão do juízo, também conhecida pelo termo grego epoché ou epokhé, que significa época, é a atitude de não aceitar nem negar uma determinada proposição ou juízo. Opõe-se ao dogmatismo, em que se aceita uma proposição obscura. (ABBAGNANO, 1990, p. 339).

7. Franz Clemens Honoratus Hermann Brentano (1838-1917), filósofo e psicólogo alemão; reagiu vigorosamente contra a análise dos “conteúdos da consciência” (JAPIASSÚ, 2006, p. 34).

8. Georgia Totto O'Keeffe (1887-1986), pintora americana.

HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 13a edição. 1976. *Ser e Tempo* - (em alemão: *Sein und Zeit*) foi o maior e mais influente trabalho do filósofo alemão. Seu principal propósito é a elaboração concreta sobre a questão do sentido do ser. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ser_e_Tempo>.

9. Martin Heidegger (1889-1976), um dos filósofos mais célebres do século XX. Sua obra é marcada por sua insistência em apelar para uma radicalização do pensamento metafísico. Disponível em: <<http://www.mundodosfilosofos.com.br/martin-heidegger-o-humanismo.htm>>

10. Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), filósofo francês seguidor da fenomenologia de Husserl. Disponível em: <www.filoinfo.bem-vindo.net>.

11. MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. (C. Moura, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Originalmente publicado em francês, 1945).

12. MERLEAU-PONTY, M. **O Olho e o Espírito**. 2. ed. Lisboa: Veja, 1997.

13. Método - Husserl diz que para compreendermos esses fenômenos, devemos fazer um caminho. A palavra grega para designar caminho é *méthodo*. (BELLO, 2006).

14. René Descartes (1596-1650), filósofo, teve como objetivo encontrar um fundamento para o saber e para a realidade.

15. Ser e Tempo - (em alemão: *Sein und Zeit*) foi o maior e mais influente trabalho do filósofo alemão Martin Heidegger, sendo publicado em 1927. Seu principal propósito é a elaboração concreta sobre a questão do sentido do ser. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ser_e_Tempo>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1990

BELLO, Angela Ales. **Introdução à fenomenologia**. São Paulo: Edusc, 2006.

BISWAS, Goutam. **Art as dialogue**. New Delhi: DK Print World Pvt. Ltd., 1996.

CROWTHER, Paul. **Phenomenology of the visual arts: even the frame**. California: Standford Univ. Press, 2009.

DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia?** 7. ed. Tradução de Maria José J.G. Almeida. São Paulo: Centauro. 1973.

DREYFUS, Hubert; WRATHAL, Marks [et al]. **Martin Heidegger: an introduction to his thought, work, and life**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

ELDRIGE, Charles C. **Georgia O'Keeffe**. New York: Henry N. Abrams, Inc., 1991.

FRANK, Manfred. **Self-consciousness and self-knowledge: On some difficulties with the reduction of subjectivity**. Constellations, s.l. v. 9, n. 3, p. 390-408, set. 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Coleção Os Pensadores)

_____. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HUISMAN, Denis. **Dicionário dos Filósofos**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001, p. 523.

HUSSERL, Edmund. **Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy, Tomo 1**. Tradução F. Kersten. Haag: Martinus Nijhoff, 1982.

_____. **Idées directrices pour une phenomenologie**. Tradução P. Ricoeru. Tomo 1: Introduction générale à la phenomenologie. Paris : TEL-Gallimard, 1991.

_____. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica.** 2. ed. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia.** 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

MARSHALL, Richard D. **Geórgia O’Keeffe: nature and abstract.** Vancouver: Skira Editore S.p.A., 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito.** Trad. Paulo Neves e Maria Ermantina G.G. Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MONDIN, Battista. **Curso de filosofia: os filósofos do oriente.** 10. ed. São Paulo: Pualus, 2008.

MONDIN, Batista. **O homem: quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica. Tradução: R. L. Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulinas, 1980.

ROVIGHI, S. V. **História da filosofia contemporânea.** v.1. p.360. São Paulo: Loyola, 1999.

SMITH, David Woodruff.. **Phenomenology.** Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/phenomenology>>. Acesso em; 01 out. 2010.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introduction to phenomenology.** New York: Cambridge Univ. Press, 2000.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

TADEU, Patrícia. **A Fenomenologia em Merleau-Ponty.** Disponível em: <http://filosofiaarte.no.sapo.pt/fmp.html#_ftnref8>. Acesso em: 20 out. 2010.

TALON-HUGON, Carole. **A estética: História e Teoria.** Lisboa: Texto & Grafia, 2009.

THEVENAZ, Pierre. **What is phenomenology?: and other essays.** Chicago: Quadrangle Books, 1962.

_____. **Qualidade.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/qualidade>>. Acesso em: 05, out. 2010.